ESTUDO DIRIGIDO ÚNICO SOBRE O REINO DA ESTUPIDEZ

DATA LIMITE DE ENTREGA: 22 DE DEZEMBRO DE 2023

Página de rosto contendo:

NOME DOS INTEGRANTES DO GRUPO E HORÁRIO DAS SUAS TURMAS.

OBS.: OS ESTUDOS DEVEM CONTER INTRODUÇÃO, RESPOSTAS ASSINADAS (NOME COMPLETO E N.ºUSP) e CONCLUSÃO.

QUESTIONÁRIO:

1. Leia o poema herói-cômico atribuído a Francisco de Melo Franco e resuma o Prólogo e cada um dos 4 cantos, por meio da paráfrase. Leia o Argumento no Ms. 2 da BBM. A quem se dirige o Prólogo? Assinale as marcas discursivas da interlocução proposta. Observe como o autor adverte o poema da sua desgraça entre grupos de espectadores atingidos pela sua sátira. Mostre os traços anticlericalistas e regalistas do Prólogo e do poema.
2. Segundo os dois artigos, “Como Dido e Eneias: protocolos de leitura do poema herói-cômico” e “Satura, saturæ: itinerários do misto (preceptivas do poema herói-cômico no mundo luso-colonial), caracterize o poema herói-cômico. Descreva a sua história do modo satírico, a fim de entender a função morigerante do poema herói-cômico como sátira estudantil. Leia o Discurso de Silva Alvarenga e a Prefação do Ms 2 / RdE – BBM 2.
3. O discurso satírico é um gênero misto, para os antigos, era uma salada de procedimentos elocutivos provenientes de vários gêneros. Em algumas versões o Prólogo do Reino da Estupidez cita Juvenal como autoridade satírica: *Si musa vetat, facit indignatio versus*. Se a natureza nega (a inspiração), a indignação faz os versos. E argumenta Juvenal justificando a sua indignada pena: Nihil erit ulterius quod nostris moribus addat posteritas, eadem facient cupientque minores, omne in praecipiti vitium stetit (I,147-150) / Nada haverá que a posteridade possa acrescentar a tais costumes nossos; nossos descendentes farão e desejarão as mesmas coisas: todos os vícios estão no seu ponto máximo. O “Discurso sobre o poema herói-cômico”, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, por sua vez, cita outras autoridades antigas, como Aristóteles, Horácio e Lucrécio, para mostrar a obediência aos seus preceitos de arte poética. Observe o juízo crítico negativo que se faz do discurso misto e da sátira, nas preceptivas e no discurso histórico-literário, posto abaixo dos gêneros mais altos.

Se próprio do misto é a mistura do diverso, argumente como seria impertinente julgar os aspectos desconcertados (sem harmonia) do gênero, como desconsertos, erros técnicos de composição.

Como explica João Adolfo Hansen, em *A sátira e o engenho* (1989), a sátira,

“[c]omo o sátiro em que duas naturezas formam um terceiro, ela não tem a unidade prescrita de outros gêneros; é mista, como mescla de alto e baixo, grave, e livre, trágico e cômico, sério e burlesco. Basicamente inclusiva – “dependente ou “polifônica” –, a sátira mistura tópicas variadas da invenção retórico-poética, amplificando formas e procedimentos de elocução. Ressalta, na sua voz fantástica o hibridismo, na medida mesma em que é construída de citações eruditas, de sentenças irônicas, de descrições hiperbólicas, de agudezas e vilezas de estilo baixo e sórdido, de paródia dos gêneros elevados etc. Constitui-se, parte por parte, de sinédoques de gêneros oratórios e poéticos, e pode assumir qualquer forma. [Porta a] inverosimilhança programática do misto, efeito da fantasia que fere o decoro do discurso segundo o verossímil poético (éikon) e o opinável retórico (endoxa), [tais] misturas fantásticas são categorizadas pelo destinatário em outro registro de adequação, o do *delectare*, prazer do vulgo, no caso, em chave do prodesse, utilidade da catarse e da aprendizagem.” (pp. 225-226)

Com a ajuda da Prefação, Ms. 2 BBM, analise o poema herói-cômico o Reino da Estupidez como obra do gênero misto ou satírico, como sátira burlesca estudantil, segundo a sua estrutura argumentativa em prol de Pombal e das Luzes, o seu uso e disposição de tropos e figuras, como a alegoria, a personificação, a ironia, a prosopopeia, a ficção, o sonho, as descrições e comparações, a fim de incutir no leitor, pelo riso morigerador, a crítica ao retrocesso português.

Complementação bibliográfica:

João Adolfo Hansen, “Poesia e memória” e “Apresentação dos epitáfios jocossérios portugueses e castelhanos”, Agudezas Seiscentistas e Outros Ensaios. São Paulo, EDUSP, 2019.

João Adolfo Hansen, *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. SEC/Companhia das Letras, 1989.

1. Observe a paródia ao paradigma poético heroico/épico, cujos versos e estrutura procura imitar por meio do cômico. Por exemplo, a abertura do Canto I retoma a da *Eneida*: “Não canto aquele herói pio e valente”, “A mole Estupidez cantar pretendo”. Dê exemplos de algumas passagens em que a desconstrução cômica do épico se evidencia através da citação de *Os Lusíadas*. Leia na “Prefação”, Ms 2 BBM, a sua defesa do poema herói-cômico. Compare versos de Os Lusíadas e das Rimas de Camões e os do Reino da Estupidez, a partir do artigo de Gil Clemente Teixeira, CAMÕES E OS REINOS DA ESTUPIDEZ: DE FRANCISCO DE MELO FRANCO A FRANCISCO MANOEL DE MELLO FRANCO, in: *ABRIL* – Revista do NEPA/UFF, Niterói, v.11, n.23, p. 181-195, jul.-dez. 2019 (Veja o powerpoint no Moodle) . Mostre a desconstrução do paradigma épico como estruturante dos seus 4 cantos. Reflita sobre as considerações de Manuel Ferro (2013), para quem, o herói-cômico

“aproveita [...] a popularidade do poema camoniano e usa, subvertendo, as estratégias e os códigos próprios da epopeia, por demais conhecidos do público leitor. Ora, neste contexto, o poema herói-cómico, por vezes olhado com preconceito e considerado um género menor, certamente em virtude da componente jocosa, irónica, satírica, cómica ou mesmo grotesca que lhe é inerente, pode ser visto como o resultado de um conseguido processo de desconstrução do paradigma épico mais canónico.”

In: Manuel Ferro, A utopia sob o signo do poema herói-cómico: O balão aos habitantes da Lua (1819), de José Daniel Rodrigues da Costa, entre paródia e crítica social. Biblos, n. s. XI (2013) 303-333 DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_11_12>

1. De acordo com Joaci Pereira Furtado, a literatura colonial na América portuguesa não pode ser considerada como pertencente à literatura brasileira, salvo por meio do anacronismo operado pela narrativa da história literária tanto romântica quanto modernista. A partir da leitura do Apêndice e do excerto abaixo, do prefácio de José Osório de Oliveira a *Líricas brasileiras*, questione a classificação de O Reino da Estupidez como obra da literatura brasileira: “Não importa que tenham nascido na Colônia ou no Reino, como Bento Teixeira e Tomás Antonio Gonzaga, nem que este tenha fixado, pela primeira vez na Lírica, um aspecto da vida brasileira, nem que fossem já ameríndios os temas das epopeias de Fr. José de Santa Rita Durão e de José Basílio da Gama. Portugueses pelo espírito, pertencem tanto ao Brasil como Camões, como toda a Literatura Portuguesa até a data em que o tronco comum se dividiu em dois braços divergentes. Ora a diferenciação só começou com os Românticos.” (Prefácio a *Líricas Brasileiras*, Lisboa, Portugália editora 1954.

A classificação das letras coloniais como pertencentes à literatura brasileira, não obstante, é repetida por uma série de histórias da literatura portuguesas e brasileiras. Lembrem da conhecida imagem botânica de Antonio Candido que restringe a literatura brasileira a um ramo da literatura europeia. “Foi escrita em Português” está no Prólogo a *O* *Reino da Estupidez* como um obstáculo à universalidade da língua portuguesa.

Examine a recepção desse poema herói-cômico na obra de Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*; na *História da Literatura Portuguesa, Os árcades*, e *Filinto Elysio e os dissidentes da arcádi*a, ambos de Teófilo Braga; na obra de Ferdinand Wolf, Brasil literário; na de Pereira da Silva, Varões ilustres do Brasil, no Parnaso Lusitano, de Almeida Garrett (Tomo VI, 1834), a edição anônima Satíricos portugueses, Em casa de J. P. Aillaud, e o verbete Francisco de Mello Franco no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ / ESTUDOS DE INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA / APPLICAVEIS A PORTUGAL E AO BRASIL, de 1859.

1. Mostre e questione os argumentos para a sua classificação como obra brasileira. Observe como é produzido um cânone de autores e letrados brasileiros.
2. O que tais narrativas histórico-literárias têm em comum e como se diferenciam quer quanto ao conceito que fazem da poesia colonial quer a respeito de como entendem o seu legado para a formação da literatura brasileira?
3. Argumente em defesa da sua classificação como obra portuguesa.

APÊNDICE:

FERDINAND WOLF, O BRASIL LITERARIO (HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA). 1.ª ED. 1862. EDIÇÃO DE JAMIL ALMANSUR HADDAD. SÃO PAULO, COMPANHIA EDITORA NACIONAL 1955. P.126-128.

## COMO CALDAS BARBOSA, O POETA FRANCISCO DE MELO FRANCO PERTENCE ANTES A PORTUGAL QUE AO BRASIL. NASCEU A 17 DE SETEMBRO DE 1757 EM PARACATU, NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS. EMBORA SEUS PAIS NÃO FOSSEM RICOS E TIVESSEM NUMEROSA FAMÍLIA PARA SUSTENTAR, PUSERAM-NO NO SEMINÁRIO DE SÃO JOAQUIM NO RIO DE JANEIRO. PÔDE EM SEGUIDA CONTINUAR OS ESTUDOS DE MEDICINA EM LISBOA E COIMBRA, ONDE SE FEZ NOTAR POR SUA APLICAÇÃO. MAS SEU ZELO LEVOU-O A PRONUNCIAR-SE SOBRE A IGNORÂNCIA DE ALGUNS PROFESSORES E AS DOUTRINAS ESCOLÁSTICAS QUE REINAVAM ENTÃO. OS INIMIGOS INFLUENTES QUE ELE CONSEGUIU DENUNCIARAM-NO À INQUISIÇÃO COMO LIVRE-PENSADOR. FOI PRESO E FICOU ENCARCERADO POR QUATRO ANOS NOS CALABOUÇOS DESTE TRIBUNAL TERRÍVEL. OS MALES DE QUE PADECEU TORNARAM-NO POETA COMO CERVANTES E TANTOS OUTROS. EXPRIMIU SUAS QUEIXAS SOBRE A INJUSTIÇA HUMANAE AS MISÉRIAS DECORRENTES DE SUAS "NOITES SEM SONO" EM QUE REVELOU CONSIDERÁVEL TALENTO. NO ENTANTO, MELO FRANCO PÔDE ENTÃO CONCLUIR SEUS ESTUDOS E BACHARELOU-SE EM MEDICINA.

## MAS ANTES DE DEIXAR A UNIVERSIDADE, NÃO SE ESQUIVOU DE DEIXAR UM ADEUS SATÍRICO EM VERSO. ESCREVEU EM QUINZE DIAS, COM O AUXÍLIO DE SEU AMIGO E CONDISCÍPULO JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, UM POEMA HERÓI-CÔMICO "O REINO DA ESTUPIDEZ" EM QUE PINTAVA COM AS CORES MAIS VIVAS A ROTINA UNIVERSITÁRIA E RIDICULARIZAVA PRINCIPALMENTE O REITOR. ESTA PEÇA EM VERSO, DISTRIBUÍDA POR OCASIÃO DE UMA FESTA DA UNIVERSIDADE, FEZ GRANDE SENSAÇÃO E FOI MESMO CAUSA DO AFASTAMENTO DESTA AUTORIDADE E DE ALGUMAS REFORMAS, MAS FOI EM VÃO QUE SE PROCURARAM LOCALIZAR SEUS AUTORES. MUITO TEMPO APÓS, MELO FRANCO SE ASSEGURAVA UM LUGAR NA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL. SUA SÁTIRA, EMBORA INFERIOR AO "HISSOPE" DE ANTONIO DINIZ PELA FINEZA E A GRAÇA, PERTENCE, PORTANTO, ÀS MELHORES PRODUÇÕES DESTE GÊNERO PELO ESPÍRITO, A VIVACIDADE DAS DESCRIÇÕES E A ELEGÂNCIA DA LINGUAGEM.

## MELO FRANCO FIRMOU LOGO SUA REPUTAÇÃO E ASSEGUROU-SE BOA SITUAÇÃO FINANCEIRA GRAÇAS À CLÍNICA E COMO AUTOR DE OBRAS CIENTÍFICAS E FOI RECEBIDO COMO MEMBRO DA ACADEMIA DE LISBOA. MAS ESTAS ATIVIDADES IMPEDIRAM-LHE DE CONTINUAR O CONVÍVIO COM A POESIA.   CONVOCADO PARA O POSTO DE MÉDICO DA NOIVA DO INFANTE DOM PEDRO, A ARQUIDUQUESA LEOPOLDINA DE ÁUSTRIA, PARTIU PARA O RIO DE JANEIRO, ONDE CHEGOU NO FIM DO ANO DE 1817. A PRINCÍPIO, SENTIU-SE DESVANECIDO COM A BOA ACOLHIDA QUE LHE FOI PROPORCIONADA, MAS SEJA POR EFEITO DE INTRIGAS, SEJA POR SUAS IDEIAS LIBERAIS, CAIU LOGO EM DESGRAÇA E A CORTE SE LHE FECHOU. A ESTA MORTIFICAÇÃO, DE QUE NÃO SE CUROU JAMAIS, VEIO SOMAR-SE A PERDA DE TODA A SUA FORTUNA, COLOCADA NUMA CASA QUE FALIU. ESTAS CAUSAS, E TALVEZ A MUDANÇA DE CLIMA E DE HÁBITOS DESTRUIRAM A SUA SAÚDE. FOI EM VÃO QUE PROCUROU RECUPERAR SUAS FORÇAS NO CLIMA MAIS PURO DE SÃO PAULO. NA SUA VOLTA AO RIO DE JANEIRO, NUMA CHALUPA, SENTIU APROXIMAR-SE O FIM; DESEMBARCOU E MORREU NUMA CABANA A 22 DE JULHO DE 1823.

Leituras:

Franco, Francisco de Melo (atrib.), *O reino da Estupidez*, poema em 4 cantos. São Paulo, Globo, 1995. [Edições impressas e manuscritas no acervo digital da BBM];

Franco, Marcia Arruda, O Reino da Estupidez na Biblioteca Brasiliana Mindlin/USP: indagações a respeito de sua autoria e classificação como obra brasileira. In: SERRA, Pedro. (Org.). *Políticas del nombre en la épica burlesca*. Salamanca: Editorial Delirio, 2019, p. 87-109;

Furtado, Joaci Pereira. Satura, saturæ: itinerários do misto (preceptivas do poema herói-cômico no mundo luso-colonial), Signo. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan./abril 2017;

Furtado, Joaci Pereira. Como Dido e Eneias: protocolos de leitura do poema herói-cômico, *Dimensões*, vol. 34, 2015, p. 356-379.

Monteiro, Ofélia Paiva, Sobre uma versão desconhecida de o Reino da Estupidez, Revista de História das Ideias, Volume 4, Tomo II, 1982

Silva Alvarenga, Manuel Inácio da. Discurso sobre o herói-cômico, in: *O Desertor. Poema herói-cômico*. Edição preparada por Ronald Polito. Campinas, Editora UNICAMP, 2003.

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ ESTUDOS DE INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA APPLICAVEIS A PORTUGAL E AO BRASIL, Verbete Francisco de Mello Franco, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856.

Transcrição da ministrante de edições impressas e manuscritas do acervo da BBM. “Conjunto para-textual”: “Noticia sobre o Auctor”, edição de 1868; Prefação e Argumento, Ms. 2 BBM; Advertência, Sonho e soneto do Ms. 1 BBM, Ilustrado; Notas e anotações dos bibliófilos; As versões do Prólogo, ressaltar as lições divergentes. Ms. 3 BBM, 1825.

Apostila sobre a recepção crítica de O Reino da estupidez e Francisco de Melo Franco na História Literária disponibilizada no Moodle: Pereira da Silva, Almeida Garrett, Teófilo Braga, Antonio Candido, Saraiva e Lopes. Ver no Apêndice a este Estudo Dirigido, Ferdinand Wolf.